

“Capitalismo gerenciador de dinheiro” e desigualdade nos EUA na década de 90

Ricardo de F. Summa[♦]
José Paulo Guedes Pinto^{*}

Resumo Ampliado

O presente artigo analisa o desenvolvimento e os padrões de distribuição de renda e riqueza da economia norte-americana contemporânea, no chamado “*Money Manager Capitalism*”. Tal fase do capitalismo, descrita por Minsky, é marcada tanto pela evolução de práticas financeiras em direção a um endividamento especulativo por parte das unidades financeiras como pela complementação da seguridade social com fundos de pensão privados por parte das famílias. As consequências desse processo de aumento massivo da riqueza e da disseminação das práticas financeiras são: 1) o aumento da fragilidade financeira da economia; e 2) o aumento da desigualdade de renda.

Em seguida, estudamos o mecanismo que opera no auge do “capitalismo gerenciador de dinheiro”, a saber, a década de 90 nos EUA. Os gastos de investimento e consumo, nesse período, estão associado às valorizações no mercado de ações e ativos financeiros. O mecanismo de estímulo da demanda decorrente da inflação de preços no mercado financeiro é o que segue: a alta no preço das ações gera um efeito riqueza. Com esse aumento de riqueza, as corporações podem se endividar emitindo mais ações valorizadas, bem como aumentar a sua possibilidade de obter novos financiamentos. As famílias, por sua vez, também percebendo um aumento na riqueza, passam a consumir mais e também a recorrer a empréstimos, uma vez que a própria inflação nos preços dos ativos passa a ser vista como um indicador saudável da economia.

Brenner destaca então o caso americano na década de 90, em que a bolha nas bolsas de valores, medidas pelos índices S&P, NYSE e NASDAQ, estimulou sensivelmente os gastos em investimento e consumo, mesmo com os fundamentos reais - a taxa de lucro das mesmas corporações – estagnados ou mesmo declinando. Como resultado desse efeito riqueza, o investimento cresceu a uma taxa de 10% ao ano e o consumo também se expandiu sensivelmente, ocasionando o *boom* na taxa de crescimento do produto da economia americana no período 1995-2000. Como consequência, os *policy makers* nos EUA se preocupam em manter os indicadores financeiros “saudáveis” para manter o bom andamento da economia.

As políticas adotada pelo FED reforçaram ainda mais as consequências apontadas por Minsky advindas do desenvolvimento do *money manager capitalism*: de um lado, uma crescente instabilidade financeira, de outro o aumento na desigualdade de renda. A consequência do desenvolvimento do “capitalismo gerenciador de dinheiro” por mais de três décadas é um grande aumento da desigualdade de renda e riqueza nos EUA, como pode ser visualizado nas figuras abaixo:

[♦] Mestre em Economia/UFRJ.

^{*} Mestrando em Economia/UFRGS. Apoiado financeiramente pelo CNPq.

Figura 1 - Distribuição Funcional da Renda (EUA)

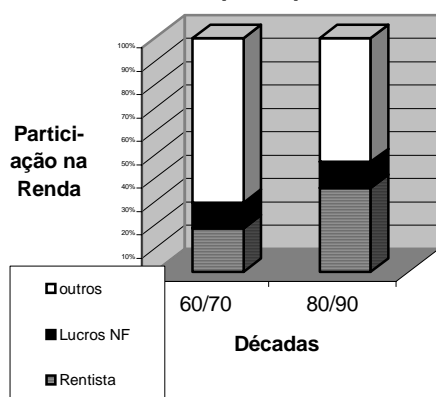
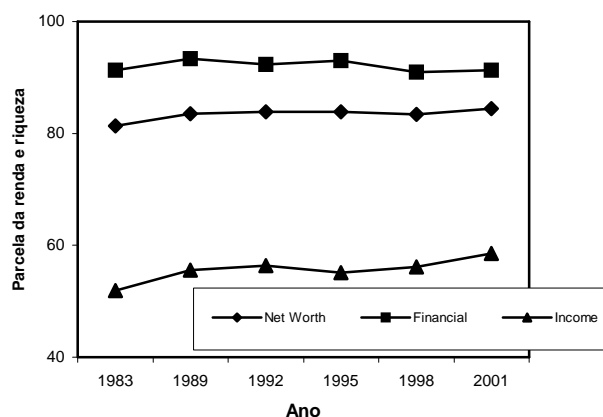


Figura 2 - Evolução da concentração de renda e riqueza das famílias nos EUA (20% mais ricas)



Baseado na análise da distribuição funcional da renda (Figura 1), Epstein e Power (2002) apontam o aumento da parcela de renda da classe rentista em relação à renda total. Nos EUA, entre as décadas de 60/70 e 80/90, a parcela dos rentistas na renda passou de 18,64% em média para 35,87% em média, um aumento de 92,4%. Como a parcela dos lucros se manteve estável, decorre que o aumento da parcela dos rentistas ocorre em função de uma piora na parcela dos salários.

A figura 2 mostra a distribuição pessoal da renda. Segundo Wolff, um por cento das famílias - as mais ricas - detinha 40% da riqueza financeira em 2001, enquanto 20% das famílias mais ricas possuíam 91% do total de riqueza na forma financeira. A conclusão que chega Wolff (2004) é a que segue: “os maiores ganhos de riqueza e renda foram obtidos pelos 20% primeiros, particularmente os primeiros 1%, das respectivas distribuições. Entre 1983 e 2001, os primeiros 1% receberam 33% do crescimento total do patrimônio líquido, 52% do crescimento total da riqueza financeira e 28% do aumento total da renda. Para os 20% primeiros são 89%, 95% e 67% respectivamente

A década de 90 apresenta de maneira clara uma mudança na coalizão distributiva. O trabalho procurou mostrar: 1 – como a disseminação das práticas financeiras, ainda que abarcando uma grande parcela da população, se fez de maneira extremamente concentrada; 2 – como desse processo criou-se um mecanismo de geração de demanda efetiva, via efeito riqueza obtido pelo mercado financeiro, estimulando os gastos em consumo e investimento; e 3 – como a política econômica reforçou o processo de desenvolvimento com riqueza financeira concentrada.